



SEÇÃO LIVRE

80 tiros: violência e segregação em *Leite derramado* e *Essa gente*, do escritor Chico Buarque

80 shots: Violence and Segregation in Leite derramado e Essa gente, the writer Chico Buarque

80 tiros: violência y segregación em Leite derramado y Essa gente, del escritor Chico Buarque

Juliana Oliveira Silva¹

orcid.org/0009-0001-9291-7603
literaturajulianaoliveira@gmail.com

Recebido em: 12 maio. 2024.

Aprovado em: 30 set. 2024.

Publicado em: 13 dez. 2024.

Resumo: O presente artigo busca investigar as formas pelas quais as obras *Leite Derramado* (2009) e *Essa Gente* (2019), do escritor Chico Buarque, são desdobramentos de uma ficção urbana. Como disserta Karl Erik Schøllhammer (2000), a literatura brasileira contemporânea dá lugar aos pequenos relatos do cotidiano e a uma narrativa mais intimista, fato que não negligencia a crítica social. É dessa forma que a temática urbana está posta dentro das narrativas elencadas, de um modo desinteressado, alegórico e de tom ácido. A cidade, em ambas as narrativas, toma corpo e pode ser observada como um personagem. A idealização da estrutura urbana, uma utopia, não se realiza no contexto brasileiro (Gomes, 2008), e seu desmonte e suas ruínas são os caminhos pelos quais os protagonistas, Eulálio e Duarte, transitam. As ruínas de um Rio de Janeiro não realizado são semelhantes às ruínas das vidas dos homens. E, em todo cenário de urbanização desorganizada, de cidade e de desigualdade social, a violência será um tema privilegiado — seja a violência urbana, seja a violência estrutural e fundadora da cosmovisão brasileira.

Palavras-chave: cidade; Chico Buarque; violência.

Abstract: This article seeks to investigate the ways in which the works *Leite Derramado* (2009) and *Essa Gente* (2019) by the writer Chico Buarque are developments of urban fiction. As Karl Erik Schøllhammer (2000) states, contemporary Brazilian literature gives space to the small narratives of everyday life and to a more intimate storytelling, a fact that does not neglect social criticism. It is in this way that the urban theme is presented within the selected narratives, in a disinterested, allegorical, and acerbic tone. In both narratives, the city takes shape and can be observed as a character. The idealization of the urban structure, a utopia, is not realized in the Brazilian context (Gomes, 2008), and its dismantling and ruins are the paths through which the protagonists, Eulálio and Duarte, transit. The ruins of an unrealized Rio de Janeiro are akin to the ruins of men's lives. And in every scenario of disorganized urbanization, city, and social inequality, violence will be a privileged theme—whether urban violence or the structural violence that founds the Brazilian worldview.

Keywords: City; Chico Buarque; Violence.

Resumen: Este artículo busca investigar las formas en que las obras *Leite Derramado* (2009) y *Essa Gente* (2019) del escritor Chico Buarque son desarrollos de una ficción urbana. Como señala Karl Erik Schøllhammer (2000), la literatura brasileña contemporánea da lugar a los pequeños relatos de la vida cotidiana y a una narrativa más intimista, un hecho que no descuida la crítica social. Es de esta manera que el tema urbano se presenta dentro de las narrativas seleccionadas, de un modo desinteresado, alegórico y de tono ácido. En ambas narrativas, la ciudad toma forma y puede ser observada como un personaje. La idealización de la estructura urbana, una utopía, no se realiza en el contexto brasileño (Gomes, 2008), y su desmantelamiento y sus ruínas son los caminos por los cuales



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador, Bahia, Brasil.

transitan los protagonistas, Eulálio y Duarte. Las ruinas de un Rio de Janeiro no realizado son similares a las ruinas de las vidas de los hombres. Y, en todo escenario de urbanización desorganizada, ciudad y desigualdad social, la violencia será un tema privilegiado – ya sea la violencia urbana o la violencia estructural que funda la cosmovisión brasileña.

Palabras clave: ciudad; Chico Buarque; violencia.

Introdução

Em um documentário intitulado “Chico e as cidades”, do canal “Biscoito Fino” no YouTube, publicado em 2009, Chico Buarque é questionado sobre por que sua turnê se chama “Chico e as cidades”. O compositor não consegue formular uma resposta precisa, mas, em seguida, é questionado sobre sua relação com a natureza e com a calmaria da distância do ambiente urbano; ele confessa que pode até fugir para um local um pouco mais distante, mas desde que tenha a certeza de que, a qualquer momento, pode pedir um táxi e descer para o calçadão tomar seu chope.

Assistindo a essa conversa presente no documentário, percebe-se que a cidade é um elemento indissociável da vida do escritor. Chico Buarque é uma figura de relevância na sociedade brasileira – tanto no âmbito artístico quanto no âmbito social e político. Ganha destaque na música e devido ao seu posicionamento político no período da ditadura militar de 1964. Optou, naquele momento, pelo exílio espontâneo devido à violência do sistema ditatorial da época. A postura combativa do cantor se manifesta através das suas composições teatrais e musicais; consegue burlar a censura e, através das metáforas e das alegorias, consegue elaborar críticas ao Estado. E é assim que é também reconhecido atualmente, pela força de suas escritas em um momento tão delicado.

A literatura brasileira gerada a partir da década de 1970, pós-período ditatorial, é uma literatura do vazio, como confirma Alexandre Faria (1999). Nela, as grandes narrativas dão lugar para os pequenos relatos do sujeito urbano. Os grandes referenciais da identidade são abalados pelos movimentos sociais; o ideal da modernidade e da cidade utópica colocam o sujeito contemporâneo em constante busca de uma estrutura balizadora de

um eu, a globalização proporciona uma acelerada substituição das verdades vigentes e o período da ditadura militar colocou uma neblina da incerteza nos olhos do sujeito brasileiro: existirá um futuro? Quem sou eu diante das sucessivas novidades?

Leite derramado (2009) e *Essa gente* (2019), além de serem obras de um mesmo escritor, compartilham um mesmo personagem: a cidade urbana. *Leite derramado* é um romance de 2009 que conta a história de Eulálio, um ancião beirando os 100 anos de idade que está na cama de um hospital público “fétido”. A narrativa em primeira pessoa conta a história da decadência financeira e moral familiar do homem que outrora pôde desfrutar de muitos privilégios, privilégios que estavam, também, pautados no nome tradicional da família. Muitas vezes, já confuso perante as ruínas da vida, e devido ao uso de remédios e à sua idade, tentava impor certa autoridade questionando para quem estivesse ao lado: “Você sabe com quem está falando?” O senhor vê a linha do tempo da família, de um barão do Império a um traficante do Rio de Janeiro, ser destroçada ao alcançar a contemporaneidade. *Essa gente* (2013) conta a história de Manuel Duarte, um escritor decadente que, após emplacar o sucesso com uma publicação literária, vaga a procurar novas inspirações para novos sucessos como escritor. Nessas andanças pelo Rio de Janeiro, entre a elite carioca e os becos de favelas, observa uma cidade doente e uma vida vazia e em ruínas.

80 tiros: violência e segregação

A violência assume um grande destaque quando as primeiras modulações de uma tentativa de conceituação de literatura brasileira contemporânea começam a surgir. Ao falar sobre uma literatura que esteja em consonância com a realidade, não com o intuito de se tornar uma literatura documental, histórica ou realista, mas não alheia às reais efervescências da sociedade brasileira que tomam forma desse modo, a violência ganha espaço como temática dessa escrita: “Uma literatura que se rale nos fatos e não que rale neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e parti-

cipar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma” (João Antônio, 1976, p. 14 *apud* Schøllhammer, 2000, p. 236).

A tentativa de delimitação e enquadramento de uma imagem de literatura brasileira é um esforço em vão. De um modo ou de outro, seria um movimento que perpetuaria a exclusão de alguma vivência, seria uma tentativa irresponsável de delimitar um emaranhado de existências, seria continuamente legitimar uma classe que dispõe de um prestígio – pois, quais são as classes mais visibilizadas? A população brasileira é uma população fortemente letrada? Não é a realidade que, em 2021, visava-se aumentar a carga tributária dos livros, com a justificativa de que esses suportes são produtos da elite. Mas com os acontecimentos ocorridos, local e globalmente, algo em comum foi detectado na escrita nacional: os sentimentos de urbanidade e de globalização começaram a fazer parte de todos os modos de vida, e não sendo um sentimento privilegiado da cidade, mas uma atmosfera que atingiu e está presente até no campo que, remotamente, era a oposição do sentido “mecanizado” de vida.

Era necessária uma escrita que estivesse atenta à sociedade pautada em um grande índice de desigualdade social, que se conceitua laica e está sempre proferindo algum tipo de intolerância religiosa, atenta a uma elite que se diz conservadora, detentora dos bons costumes e da boa moral cristã, mas que vai de encontro ao que prega quando pratica diversas ações ilícitas. É inevitável e seria irresponsável que uma literatura brasileira não discutisse esses temas, justamente devido ao fato de se tratar de uma sociedade colonizada. A violência da colonização, que ecoa até os dias atuais, manifesta-se como influenciadora e formuladora da cosmovisão brasileira. Os discursos, as representações, oficiais e documentais, tidos como verdadeiros são formulados e proferidos por um grupo com um poder discursivo legitimado: os intelectuais de uma classe favorecida, que fazem ou fizeram com que os atos “fundadores” – a colonização, a exploração, a escravidão – não fossem, claramente,

enxergados como atos violentos, mas somente como processos políticos e progressistas da Nação, criando uma ideia de linearidade histórica. Cito Karl Erik Schøllhammer (2000), que busca problematizar a questão da violência fundadora em países da cultura latino-americana, os países colonizados; uma violência que forja a percepção dessa cultura:

Na perspectiva de Dorfman, a violência tem sido a matéria própria da cultura latino-americana, sua verdadeira essência social e, em diferentes modalidades, o tema, o núcleo da sua literatura. Desde o naturalismo até a década de 40 a literatura girava em torno da violência cometida contra as sociedades do continente: a conquista, a ocupação e exploração, a aniquilação da cultura indígena, a escravidão, o imperialismo, a luta pela independência, enfim, uma literatura que denunciava o sofrimento e simbolizava os gestos de resistência como indicadores de uma cultura autóctone (Schøllhammer, 2000, p. 237).

Com essa afirmação, é possível compreender e dar maior visibilidade à violência fundadora que ocorreu, também, no Brasil, como país colonizado e explorado – uma periferia do mundo globalizado. Essa violência se perpetuou e ainda tem fortes resquícios na sociedade contemporânea, até por se tratar de eventos que marcaram e moldaram a sociedade. Os resquícios são as marcas de segregação, de silenciamentos, violência, exclusão e partição desigual do País. Marcas já discutidas e negadas pela cidade-oficial em nome da “beleza e limpeza” do progresso, que tornava “lixo” e impróprio tudo aquilo que fosse legitimado como perturbador da ordem. Esse recalque das formas de poluição mental, física e política foi elaborado por Michel de Certeau (2013) como um conceito operatório desses espaços.

No panorama brasileiro, é imprescindível trazer ou recordar, tristemente, de um momento político do País, momento que tem profunda vinculação com a noção de violência, momento que se desdobrou em prol de uma supremacia política e manutenção dos interesses de um grupo dominante: o Golpe Militar de 1964, evento político que marcou, traumáticamente, a população e deixou marcas inesquecíveis. É necessário discutir a violência brasileira em todos os seus

limiaries, a violência fundadora, a violência política e social e a violência anárquica. Elaborar e discutir todos os seus aspectos é fundamental para um inicial tatear em busca de uma melhoria desse problema, que parece ser inevitável. Reiterando, umas das rupturas dos grandes paradigmas foi o direcionamento do olhar para uma feição da História como produto do homem; desse modo, ela estava sujeita à interpretação e tinha sua legitimação pautada nos discursos dos grupos dominantes. Assim, a intitulação aqui realizada como "Golpe Militar", e não "Revolução Militar", é uma maneira de assumir a crueldade e a violência do evento exemplificado. Ilustrar esse momento como "Revolução" é, também, uma forma de violência praticada, ainda hoje, contra as famílias que tiveram grandes subtrações em diversos níveis de suas vidas, perderam entes queridos e, até os dias atuais, não têm conhecimento sobre o paradeiro dessas pessoas. A representação segregadora e dissimulada das reais atrocidades da História é uma forma de violência, bem como a que emerge nas cidades dos dias atuais é uma configuração de violência estrutural.

Retornando às discussões especificamente literárias, é notável que um dos grandes representantes dessa tendência literária brasileira foi Rubem Fonseca; suas narrativas ilustravam uma violência tão cruel que provocaram um grande choque, a escrita elaborada por ele ficou conhecida como "brutalismo". A violência no Brasil se tornou tão anárquica e imensurável que a busca por uma narrativa que tentasse alcançar, minimamente, uma forma de representá-la utilizou o recurso de uma linguagem muito mais vulgar e cruel. Xingamentos e descrições de cenas extremas permeiam a narrativa de Fonseca e provocam choque no leitor; mas, mesmo utilizando um extremismo narrativo, ela não consegue alcançar a violência gigantesca que emerge da cidade grande. Para dar conta da realidade, algumas barreiras do comum e do normativamente aceito tiveram de ser destruídas. Alguns contos são representantes dessa literatura, a exemplo de "O cobrador", conto de 1979, que narra a história de um homem violentamente perverso que

cobra as desigualdades sociais matando pessoas abastadas financeiramente: "Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira; todos ele estão me devendo muito" (Fonseca, 2015). O cobrador tem conhecimento de que sua condição desprivilegiada é consequência de um sistema político que aparta uma grande maioria da população em favor do enriquecimento e privilégio de uma pequena burguesia e, como forma de cobrança, ele comete atos cruéis. É uma tentativa de estabelecer, na perspectiva do criminoso, um equilíbrio e uma justiça. De acordo com Márcia Regina da Costa:

A violência urbana tornou-se hoje um tema de debate nacional. É claro que a violência, seja no campo ou nas cidades, sempre ocorreu, assumindo formas específicas conforme o momento histórico, e atingindo, preferencialmente, as camadas subalternas da população. E, tenha sido praticada diretamente pelo Estado ou por seus agentes, pelos grupos dominantes ou até por bandidos comuns, sempre deixou cicatrizes profundas. Em fins dos anos 60 e início dos 70, jornais e revistas começaram a dedicar mais atenção ao tema da violência urbana, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além da violência política do governo ditatorial, essa foi também a época do auge do "esquadrão da morte". No decorrer dos anos 70, assaltos brutais, tráfico de drogas e de armas, extermínios, homicídios e chacinas, praticados por policiais, bandidos ou pessoas comuns, multiplicaram-se em uma proporção assustadora. A década de 80, mesmo com o fim do governo militar e a restauração do processo democrático, apenas aprofundou essa tendência (1999, p. 1).

A pesquisadora da pós-graduação confirma, em seu texto, a onipresença da violência que apenas reformula sua imagem de acordo com o contexto histórico. Afirma, da mesma maneira, que esse comportamento é sempre direcionado para as camadas mais subalternizadas da população, é um comportamento praticado por uma classe dominante, que busca manter a legitimação de seu poder com a utilização de várias ferramentas – o uso da força e o uso dos dispositivos de repressão são algumas dessas ferramentas. Ela cita a política do governo ditatorial como um exemplo de episódio inquestionável do uso da violência exacerbada e extrema por meio das instituições

governamentais. A violência se perpetua quando essas instituições ainda matam muita gente em comunidades periféricas, majoritariamente, matam pessoas negras e continuam impunes a serviço da ordem e do progresso. A violência tem sua manutenção quando o governo, que deveria disponibilizar, não disponibiliza os recursos básicos para adicionar uma mínima qualidade de vida à população mais carente. O governo deve usar outros aparatos políticos para a diminuição da criminalidade, como, por exemplo, uma educação justa, saneamento básico, moradia digna; e a polícia deveria proteger o cidadão e ser a última opção, adotando medidas profissionais e não exterminadoras.

Os romances são nutridos com uma constelação de tipos de personagens, que fazem parte do elenco da cidade dita oficial e da cidade não oficial. E, ao falar da sociedade brasileira, eles colocam em voga a violência provocada por esse sistema político injusto, tecendo uma escrita ficcional e irônica (analisada nesta pesquisa). Em ambos os romances, o escritor elabora de forma alegórica e irônica uma crítica à elite brasileira e rejeita a tradição colonial conservadora, critica a feição ufanista regada a preconceitos, critica os privilégios elitistas e as pessoas de bons costumes morais, que sempre se revelam violentamente perversas e segregadoras. Essas podem ser consideradas as únicas características que modulam a imagem de uma literatura brasileira a partir da década de 1970: ter como fundo um país fortemente desigual, com uma elite que se diz conservadora, mas que busca o enriquecimento ilícito e não se incomoda com a violência, que testemunha e que pratica. Uma literatura característica de um país colonizado, periferia do primeiro mundo, que tem marcas de violência contra a própria população desde a sua fundação; marcas bem profundas, que até hoje não se mostram enfraquecidas, apenas reelaboradas.

Em *Essa gente* (Buarque, 2019), o escritor e personagem-narrador Manuel Duarte parece não sentir nenhum choque com a violência que cresce de forma desenfreada na cidade do Rio de

Janeiro. E não mais o escritor-personagem, mas o escritor-cantor, Chico Buarque, demonstra certo espanto ao trazer para sua ficção um episódio que ocorreu e tomou as manchetes dos jornais brasileiros no mês de abril de 2019. Na narrativa, Manuel Duarte se empenha em passear com o cachorro da ex-mulher – Maria Clara Duarte – para agradá-la e, em seguida, não consegue devolvê-lo, porque a dona do cachorro tinha ido subitamente ao médico. Assim, ele decide voltar ao seu apartamento com o cachorro de Maria Clara, até ela retornar da saída:

Como a Maria Clara não atende às minhas ligações, ainda o distraio com um dos meus velhos romances estocados, que ele destroça em menos de cinco minutos. Deve estar faminto, pois agora abocanha o jornal no chão do banheiro e começa a mastigar as notícias: soldados disparam oitenta tiros contra carro de família e matam músico negro. É realmente impossível dar vazão às minhas fantasias na presença daquele cachorro que late, rosna, fareja sob a porta (Buarque, 2019, p. 89).

A notícia da execução realizada por soldados militares que dispararam 80 tiros, 80 tiros, contra um músico negro parece não surpreender Duarte. A falta de sensibilidade com tamanha atrocidade está associada ao fato da onipresença desse problema social na sociedade contemporânea. Joel Birman (2014), em *O sujeito na contemporaneidade*, discute a naturalização que as sociedades brasileiras adotaram em relação à violência, que se tornou imensa e gritante dentro da sociedade:

No entanto, uma marca se destaca na criminalidade atual, de forma inconfundível, e interessa diretamente à problemática da subjetividade. Estou me referindo à crueldade, que colore cada vez mais os crimes na contemporaneidade. O refinamento assumido pela crueldade deve ser devidamente sublinhado, pois ultrapassava os limiares anteriormente estabelecidos no gesto de matar. Atingimos novos níveis, até então impensáveis. A possibilidade de tirar a vida de outro se dissemina, tornando-se natural assim o assassinato e o genocídio, em que a crueldade delineia frequentemente a cena do crime com pinceladas grotescas e anti-humanas (Birman, 2014, p. 84).

O espaço urbano é um local dotado da manifestação de diversos conflitos e a violência cometida por uma ferramenta de controle do Estado

– o Exército – só confirma que traços da violência fundadora, a colonização, permanecem atuantes em sociedades como a brasileira. O controle do Estado feito pelo aparato militar é uma forma de controle e opressão contra os grupos excluídos da história oficial. Como na cena descrita, um negro é alvejado por 80 tiros disparados por uma instituição que deveria proteger a população, porque são servidores públicos. A violência descrita com grande índice de perversidade ainda não choca Duarte; devido ao esgotamento que o homem cidadão vivencia ao testemunhar tantos episódios de mesma natureza, uma forma de anestesia é aplicada na sociedade, que está conformada com tamanha criminalidade. E a crueldade atribuída ao ato de, além de matar uma pessoa, disparar uma quantidade exorbitante de tiros tem a validação por se tratar de uma instituição. A legitimação é concretizada quando passamos, rapidamente, uma borracha no fuzilamento de um inocente.

Um outro fator discutido por Birman (2014), que ajuda na compreensão do crescimento da violência, é a falta de articulação entre o agir e o pensar, uma relação que se perde na contemporaneidade. A falta de articulação, a falta de digestão, a existência de uma forma de mal-estar² e incômodo social estão associados à rearticulação do tempo voltado para o universo capitalista e à vivência do choque. Os acontecimentos, as vivências e os adventos chegam até o indivíduo de forma rápida, todas as informações percorrem o mundo e alcançam as pessoas, de forma que elas tenham sua noção de temporalidade alterada, como se tudo se constituísse de forma muito acelerada e, conseqüentemente, descartável. Essa aceleração, de acordo com as reflexões de Birman (2014), afeta a articulação entre o pensar e o agir, a ação está intimamente ligada à contemporaneidade, dotada dessas características temporais; esse conjunto torna a criminalidade e a banalização da vida alheia testemunhadas de forma muito mais corriqueira. Para o homem contemporâneo, tudo deve acontecer de maneira rápida, abrindo mão do tempo contemplativo,

feito para reflexões e para processamento dos acontecimentos. Em síntese, o agir é ação destacada, na contemporaneidade, em detrimento do pensar e da contemplação. A qualidade de descartável surge por causa da sobreposição de novidades, as manchetes e as informações são descartáveis na proporção que outras são disseminadas. Precisamos aderir ao molde atual ou seremos consumidos pela realidade, seremos descartáveis.

Associando as duas obras literárias, *Leite derramado* (2009) e *Essa gente* (2019), como um conjunto de narrativas que se complementam, na leitura proposta deste trabalho, é notório que são obras escritas em dois momentos distintos e com enredos diferentes, mas acenam uma para a outra. O desnudamento da existência e da perpetuação de moldes políticos de uma aristocracia brasileira que não foi extinta, mas somente repaginada, é feito em *Leite derramado* (2009) para que o caos e absurdos extremistas que ocorrem em *Essa gente* (2019) tenham uma possibilidade de mínima compreensão. A narrativa de 2009 se torna uma forma de ironização, como se dissesse para o leitor um "eu avisei" que coisas exploradas dentro da narrativa de 2019 poderiam ocorrer. Poderiam e ocorreram. Nada mais atual, o "eu avisei", na atualidade, é uma expressão sarcástica que demonstra que necessitamos estar atentos para as nuances do preconceito, no discurso e nas práticas, não devemos aceitar alguns velhos moldes.

Quando Karl Erik Schøllhammer (2000) discute a violência como tema imprescindível à literatura brasileira – país latino-americano –, ele dá relevo às marcas da violência "fundadora" da colonização. A colonização foi um evento histórico tido como revolucionário em termos de descoberta, mas é, realmente, uma qualificação e nomenclatura que invisibiliza as marcas de barbárie da escravidão, da exploração e do genocídio das comunidades negra e indígena. Determinados grupos foram escravizados e colocados em posições beirando à animalização, foram retirados

² A expressão "mal-estar", na leitura de Joel Birman (2014, p. 56), diz respeito ao sujeito moderno, suas formas de estar no mundo e seus "dispositivos sociais correlatos".

de suas origens e obrigados a trabalhar para a construção de um império; também, tiveram as terras roubadas, tiveram a humanidade anulada. As formas de exploração desses grupos, pela instituição colonial, foram tão marcantes que se perpetuam e ecoam no tempo, a exemplo do enriquecimento e da concentração de renda por parte de um grupo específico e pequeno, e da edificação de ideologias e paradigmas que buscaram enaltecer e legitimar a representação desse "dominador". Além do enriquecimento privilegiado, a legitimação e a criação de discursos desse grupo moldaram todas as visões do mundo ocidental, que resultam em marcas de violência: a segregação racial, o preconceito racial, em nome de um padrão do que é "mais ou menos humano e bonito", e o epistemicídio. É, enfim, uma visão de história que qualifica e dá poder ao discurso do "vencedor". Em suma, é uma violência bem mais estruturada e dissimulada, negada pelos livros de história. Ela violenta fisicamente e produz um apagamento de grupos e de seus saberes. Usando a ideia de "escovar a história a contrapelo", do filósofo Walter Benjamin, Giovanna Dealtry (2011) afirma a necessidade de retomar o passado para reelaborar diversos períodos ditos históricos. É um convite para olhar à pluralidade de versões e colocar em dúvida a noção de verdade absoluta e única.

A retomada e desconstrução da História, esse escovar a contrapelo, é uma das características que provocaram as discussões acerca do período paradoxal que é o contemporâneo. Muitos pensadores elaboram a contemporaneidade negativamente, pois julgam que nesse recorte temporal tentam jogar a História "no lixo". O que é uma inverdade: apenas ocorre um benévolo repensar acerca das verdades totalizantes pelos motivos já discutidos aqui.

Em suma, esse período busca descentralizar as narrativas-mestras e chamar a atenção para o caráter ilusório e ficcional de determinada ciência. E a literatura é uma ferramenta, mesmo sendo assumidamente ficcional, que dá voz a outras vivências e existências – facilita o surgimento do respeito e da empatia. A literatura empresta sua

visão e abre espaço para a reflexão. O mundo, em sua concepção, tem o direito à literatura. Mas, sumariamente, é necessário destacar a exatidão da história, que lida com fatos e tem um caráter documental, tem um compromisso com a realidade, diferentemente da literatura.

Eulálio, personagem do romance *Leite derramado* (2009), como representante de seus pares, é a face do fracasso. Ele é preconceituoso, machista e oriundo desse *slogan* familiar pautado, de forma hipócrita, nos bons valores morais do conservadorismo. Alcançando os dias atuais, em que esses valores de títulos ainda existem, porém necessitam de uma validação econômica – qualidade não mais presente na vida do personagem –, ele discorre sobre o interesse do neto pelos livros de história:

E um dia veio me comunicar que se tornara comunista. Que seja, falei comigo. Se vier o comunismo. Eulálio d'Assumpção Palumba chegará provavelmente a algum bureau político, a um conselho de ministros, se não ao comitê central do partido. Mas em vez do comunismo, veio a Revolução Militar de 1964, então tratei de lhe lembrar nossas antigas relações de família com as Forças Armadas, até lhe mostrei o chicote que pertenceu ao seu sexto avô português, o célebre general Assumpção. Mas na sua pouca idade, Eulálio ainda era vulnerável à influência de gente insensata, talvez mesmo de uns padres vermelhos (Buarque, 2009, p. 126).

A ficção narra o total desprendimento de Eulálio em relação aos movimentos políticos, mas sempre interessado no próprio beneficiamento – sendo comunismo ou autoritarismo militar. A falta de empatia e de preocupação em relação à coletividade faz com que o homem não sinta remorso, mas, sim, orgulho de ter testemunhado um recorte temporal de mortes e escravidão. Ele tem o chicote como referência a esse orgulho e demonstra que elabora o momento passado como passível a um retorno, não como um momento a ser discutido ou superado com medidas igualitárias.

Tal menosprezo é observado na fala ao citar o termo "revolução". O chicote, para o narrador de *Leite derramado* (2009), é a simbologia do poder que sua família detinha por fazer parte

dos dispositivos que controlavam, exploravam e violentavam os grupos mais desfavorecidos para a construção de um universo de facilidades. É um poder elaborado através da força afirmada pelo chicote e por discursos. Discursos são formas de legitimação do poder dessa classe, discursos que Eulálio não desconstrói mesmo com o sentido de "progresso" e democracia da nação. O sentimento aristocrático continua:

Saibam vocês que papai tem um chicote guardado ali na biblioteca, atrás da enciclopédia Larousse. Ele um dia me exibiu a peça, a correia trançada de couro de antilope, a flor-de-lis no cabo. É um chicote fora de uso, uma relíquia familiar que ele herdou do pai, meu avô Eulálio. [...] De sorte que, pensando melhor, papai não gastaria seu chicote histórico com um bando de cascas-grossas. Papai vai simplesmente pô-los no olho da rua, e esse será o pior flagelo para vocês, que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum (Buarque, 2009, p. 102-103).

O homem expressa, como em diversos momentos, o sentimento aristocrático. Superficialmente, o significado de aristocracia quer dizer "o governo pelos melhores", e é desse modo que ele se sente. Não admite que os alguns "cascas-grossas" o tratem mal, ele era o mais seleta: deveria receber o melhor tratamento; os militares são servidores de uma nação na qual ele está no topo, ou estava. Nessa altura, o autoritarismo e o controle da população foram transformados em um regime ditatorial militar. Com o Golpe Militar de 1964, instituído no Brasil, Eulálio observa o neto envolvido com o movimento político comunista e protestando contra um governo criminoso e antidemocrático. Participando de atos protestantes e com o desenvolvimento do governo vigente, o neto e ativista político é considerado "desaparecido":

Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. Ainda lhes apontei o retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamonte me deu um tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu. Esse ignorante espalhou no chão meu acervo de fotos, e nem me adiantaria protestar quando confiscou o chicote florentino (Buarque, 2009, p. 127).

Os militares invadem a casa em busca de Pablo, pseudônimo do Neto, ativista comunista que, posteriormente, é dado como desaparecido. Ao invadir a casa de Eulálio Assumpção, os militares profanam e deslegitimam a autoridade que remotamente o velho possuiu. Mais uma vez, através de ferramentas simbólicas – fotos, chicote e o discurso –, o homem tenta legitimar o seu privilégio, que não é mais tão poderoso devido aos novos aparatos de reconhecimento. O esvaziamento e a atmosfera de desencontro da "literatura de subtração" têm raízes, também, nesse aspecto do regime ditatorial que subtraiu vidas, provocou o exílio em pessoas, deixou toda a população e artistas cheios de medo, falta de perspectiva no futuro e falta de conhecimento do paradeiro de pessoas próximas. Presos políticos, mortes injustiçadas e tortura de pessoas que não concordavam com governo vigente, pessoas que eram amores de outras, filhos, profissionais da informação, artistas... elas lutaram por um Brasil melhor. Essas pessoas merecem respeito, as famílias merecem respeito. Foram muitos Pablos, que adotaram uma identidade diferente e abandonaram a vida estável, que morreram para desfrutarmos, hoje, de uma pequena democracia. Não podemos jogar fora os direitos conquistados pelos protestantes, não podemos relativizar violência.

Confirmamos, com o relato do personagem, que o processo de transição do sistema político de um regime escravocrata forjou uma alteração na anatomia do dispositivo de repressão e violência. Foi vivenciado o tenebroso período do Golpe Militar de 64, e até a chegada da República. E, mesmo essa "passagem" do tempo estando pautada num ideal de progresso, tecnológico e científico, e na construção de uma sociedade globalizada, igualitária, os modos de exploração e aplicação da violência não tiveram uma capacidade decrescente, ou vislumbre de melhoria; apenas tiveram as feições mudadas: a repressão ainda continua sendo realizada, acobertada pela bandeira do progresso e de forma ainda institucionalizada. Ontem, pelo sistema escravocrata; agora, pela instituição repressiva governamental.

A feição do explorador e violentador é alterada, mas ainda encontra formas de manifestar seus objetivos. Dispositivos protegidos pelas leis, que deveriam ser exercidos para os objetivos que foram elaborados, a exemplo da proteção do cidadão e da afirmação dos direitos básicos, mas que se mostram disponíveis, na maioria das vezes, aos interesses de uma determinada e direcionada parcela da população. De acordo com Jessé Souza (2017), a existência de facilidades direcionadas a um grupo elitista é mais dissimulação e falta de caráter do que prática herdada da história; um conjunto de dogmas das pessoas de bem que são capazes das maiores atrocidades em prol do benefício próprio; um conservadorismo e religiosidade atravessados pela ambição. O homem de bem que mata em nome de Deus é a própria imagem do inferno. Notamos que a violência institucionalizada e, muitas vezes, perversa e normalizada devido aos ideais que ela carrega: algumas vezes, o conservadorismo religioso; outras vezes, o progresso – sua instalação sempre excludente ou o mito dissimulado de democracia e meritocracia.

A crueldade, relacionada à violência, que Birman delinea, é um traço da contemporaneidade. A facilidade que o indivíduo urbano enxerga no ato de matar e a necessidade de legitimação de um poder através da força são vetores que potencializam a crueldade. Os meios de comunicação de massa, além da crueldade e presença de atos violentos disseminados, manifestam-se como suporte para a espetacularização das cenas de medo e, com a tempestade de novidades impostas pela globalização, tornam o homem citadino indiferente ao cenário de caos. É como se um mecanismo de defesa fosse estruturado como característica dessa nova disposição de subjetivação, para que o sujeito se torne, mais ou menos, alheio às atrocidades da cidade e não enlouqueça com determinado tipo de testemunho dentro do grande ringue.

Uma nova forma de vivência dotada de brutalismo e atitude *blasé* da contemporaneidade, atrelada à ideia de espetacularização, é, ainda, chocante para Manuel Duarte, personagem do

último romance de Chico:

Aparentemente a fim de se entregar, o assaltante solta o porteiro e baixa a arma, mas de repente sacode a cabeça e cai duro no chão. Foi um tiro na testa que tomou, disparado talvez de alguma janela vizinha por um atirador de elite. Deitado de costas, se contorce inteiro ao levar mais uns tantos tiros à queima-roupa. Depois que se aquieta, os meganhas continuam baleando o cara, na barriga, no peito, no pescoço, na cabeça, eles o matam muitas vezes, como se mata uma barata a chineladas. Aos hurras e aplausos, os espectadores descem dos prédios e dos carros e correm para o palco da façanha. [...] A polícia não consegue impedir que os presentes chutem seu corpo, e estremeço ao ver meu filho a se aproximar (Buarque, 2019, p. 70).

Duarte sai do prédio de sua antiga esposa, Maria Clara Duarte, e, como se estivesse num *set* de filmagens, ele se enxerga dentro de uma multidão de pessoas, que mais parecia um bloquinho de carnaval. Um assaltante tenta cometer um crime de forma explicitamente despreparada e faz um refém. O rosto do criminoso logo é reconhecido por Duarte, que o associa à imagem do rosto do cuidador de cães das madames do bairro nobre (inclusive de Maria Clara), que há meses atrás passou um bom perrengue esperando a dona de um *pet* retornar à residência para recolher o animal. Duarte, no episódio pretérito com os cães, apreensivo ao ver o mesmo cuidador há muitas horas a aguardar Maria Clara, oferece abrigo e comida ao garoto, enquanto aguarda uma resposta para entregar o cão. O menino fuzilado, no fatídico dia do assalto, mesmo tendo se entregado à polícia, é o passeador de cães e, não coincidentemente, é um menino negro, imagem e cor do grupo que mais morre pelas mãos das instituições governamentais. Morrem com 80 tiros ou morrem de fome, sem oportunidades, sem saneamento básico e sem educação nas favelas, nas cidades não oficiais que sofrem com a "higienização", sofrem com a barbárie feita em nome da organização urbana racional. A morte chega antes da bala.

A ironia, ao questionar se estava em um *set* de filmagens ou em um bloquinho de carnaval, é uma forma de chamar a atenção para a maneira como a sociedade e as pessoas comuns estão normalizando a violência e como, a cada dia,

demonstram que possuem a necessidade de vivenciar episódios extremos, como se a vida da violência fosse palco de experimentação de uma espécie de catarse, não tendo nenhum tipo de empatia com a vida de outrem. A ironia é um recurso linguístico para a tentativa de acesso ao mundo do inapreensível, do grotesco e do extremo; é uma forma de acesso a uma realidade distinta, diferente dessa que é desesperadora.

A imaginação e a representação de atos violentos tão perturbadores, feita através do recurso da literatura, é uma forma de ressimbolização desse problema e uma tentativa de estabelecimento da comunicabilidade com algo que é tão inacreditável e, ao mesmo tempo, banalizado (espetacularizado). É uma tentativa de acenar para o inapreensível, uma tentativa de comunicação com o incomunicável, chamando a atenção para uma tentativa de sensibilização – mesmo com o esgotamento irresponsável cometido por alguns meios de comunicação que se apropriam do espetáculo da violência para a própria notoriedade; essa é uma representação da literatura que aborda temáticas semelhantes. A literatura é veículo e registro, é o orquestramento de narrativas que são tentativas de apreensão de uma realidade tão grotesca e extrema que foge aos discursos legitimados e que, midiaticamente, só aparece como objeto de exotização.

Discutir literatura é, inclusive, discutir a sociedade e seus aspectos gerais – sociedade, economia e cultura. No Brasil, a transformação socioeconômica, que o atingiu, converteu o País, de forma desorganizada, em um país industrializado, fazendo com que grande parte da população se aglomerasse nas grandes cidades, e sem condições mínimas para fazer um movimento migratório para o novo espaço. Devido à grande presença de desigualdade social, as formas de violência e exclusão só mudaram seus aparatos. Observamos que muitos paradigmas arcaicos continuam existindo, a exemplo da validação de crimes cometidos por pessoas que possuem um “poder simbólico” e privilégios. É uma questão de poder: ocorre a espetacularização do tráfico de drogas nas favelas e nos bailes *funk*, e não é

retratado nem enquadrado nas telas, dos jornais sensacionalistas, o tráfico dentro das festas *raves* – festas que recebem um público selecionado e com maior poder aquisitivo. Nelas, o uso das drogas é adjetivado como recreativo.

O uso e o tráfico de drogas ilícitas, como a cocaína, são atividades comuns para algumas figuras abastadas financeiramente dos romances – pessoas que transitam dentro dessa camada social. Atividade *hobby*, momento de lazer, que não sofre nenhum tipo de culpabilização ou consequência. O pai de Eulálio, um senador da República, usufruiu de sua distinção política, de mulheres e drogas de forma explícita, e tendo como testemunha o filho, que supostamente deveria seguir os passos do pai:

Papai era um homem de múltiplos interesses, mas até então eu desconhecia essa sua face esportiva. Aos dezessete anos, segundo ele, já estava mais que na hora de eu conhecer a neve, por isso enfrentamos longa viagem de trem até Crans-Montana, nos Alpes suíços. À noite demos entrada no hotel, munidos de botas e luvas e gorros de lã, pares de esquis e de bastões, todo o aparato. E eu já ia dormir quando papai me chamou ao seu quarto, sentou-me numa chaise longue e abriu um estojo de ébano. Mas o que é isso, meu pai? É a neve, ora bolas, disse ele muito sério, papai fazia questão de nunca sair do sério. Com uma miniespátula separou o pó branquíssimo em quatro linhas, depois me passou um canudo de prata. Mas não se tratava dessa porcaria que idiota cheira por aí, era cocaína da pura, que só tomava quem podia. Não travava a boca, não tirava a fome, nem brochava, tanto é verdade que depois mandou subir as putas (Buarque, 2009, p. 35-36).

O narrador rememora o momento de uma viagem com o pai, seu mentor e exemplo, e classifica o uso da droga como uma qualidade “esportiva” que ainda não tinha conhecido do pai. A metáfora utilizada como forma de adjetivar a droga, que era “branca como neve”, romantiza o comportamento ilícito e, através da representação, faz a manutenção da legitimação de uma supremacia burguesa, que quer manter o distanciamento como classe melhor ao falar que a cocaína branquíssima não era acessível ao povão ou não era alguma porcaria que a ralé poderia usar. Essa cena figura um marco de iniciação ao mundo das drogas feita pela figura paterna. A

romantização é lida, paralelamente, como forma de amenização, que o velho tenta aplicar, da carga de ilicitude do uso de drogas. Uma forma de normalizar e diferenciar das práticas que estampam, diariamente, as manchetes dos jornais.

O ideal de racionalidade, que utopicamente deveria ser o propósito da criação da cidade e do sentido de urbanidade, é contraditório. Essa contradição é compreendida pela ressalva de que a racionalidade, inicialmente citada, era uma racionalidade burguesa e proposta em um país como o Brasil, fundado em marcas de disparidades sociais. Isso nos leva a apreender que algumas formas de controle e instituições de atitudes ilícitas são aplicadas mais fortemente nas camadas mais subalternizadas – pobres, negros, gays e todas as formas que fogem do enquadramento e padrão da cidade ideal burguesa. Pessoas que, no corpo a corpo com o espaço, vivem a cidade real em sua organicidade e têm conhecimento das efervescências que a incidem.

Manuel Duarte encontra com o amigo de longas datas, Fúlvio, que é um advogado bem reconhecido e que tinha como grande parcela de sua clientela pessoas da alta sociedade, dentre elas muitos políticos. Fúlvio conta a Duarte como os negócios de Napoleão Mamede se fazem impecavelmente dentro da lei e afirma que, para pessoas como seu cliente, é mais necessário parecer honesto, além de ser. O advogado confessa um episódio no qual teve que salvar a pele do filho do cliente:

Não faz um mês, chegando da Amazônia, o garoto aterrissou no Aeroporto Santos Dumont com oitenta quilos de cocaína no jatinho do pai. Passei um sufoco para abafar o escândalo e sustentar que o flagrante era forjado por inimigos da família Mamede. Há provas robustas de que hordas de ativistas armados têm promovido invasões e arruaças em propriedades do meu cliente na fronteira com a Colômbia (Buarque, 2019, p. 155).

Tipos de facilidades e atenuação criminal figuram o rosto da corrupção brasileira. A falta de caráter e certa ousadia comportamental estão justificadas na real credibilidade e comprovação da isenção que os corruptos criminosos possuem; é deles o direito a práticas de patrimonialismo,

não delimitam fronteiras entre o particular e o público e, dessa forma, podem traficar cocaína em helicópteros, pois é uma droga que se difere da droga que a ralé usa, é "gourmetizada". Possivelmente, um dos principais problemas sociais que mais atinge as cidades é a criminalidade, que está a cada dia em ascensão e, conseqüentemente, ligada ao tráfico de drogas. Diferente do que é assistido e presenciado nas comunidades, como a favela do Vidigal do romance, a polícia sempre está disposta a assumir operações ostensivamente violentas em busca de uma solução para a criminalidade e para o tráfico ou para as situações mais comuns que envolvam essa parcela da população. São soluções repressivas, que não são aplicadas em ambientes como os quartos de hotéis luxuosos frequentados pelo pai de Eulálio, no jatinho de um integrante da família Mamede e nem nos usos de drogas como *hobby* da ex-mulher do escritor-personagem Duarte – a arquiteta e alpinista social Rosane. O uso de drogas ilícitas é convencionalizado e até elevado a níveis de produtos raros e que possuem qualidade inigualável, transportados em jatinhos ou até terapêuticos:

[...] depois apanha na mesa de cabeceira o presente que ganhou do enteado, um palhacinho de borracha que, ao ser apertado, espirra um jato de cocaína pelo nariz vermelho. Ela quer que eu me sirva do pó para ficar mais à vontade na noitada, mas lhe repito que não vou, não estou a fim de amizade com aquele velho voyeur. Você é mesmo um jeca, ela diz. Quando mulheres ficam com raiva, as portas padecem, e a do banheiro nunca mais fechou direito de tanta porrada que levou nos três anos de nosso casamento (Buarque, 2019, p. 129-130).

A atitude repressiva dos aparelhos institucionais não chega a esses locais para aplicar o combate ao uso de drogas ilícitas. Em um momento da narrativa *Essa gente* (2019), Duarte observa como a polícia age ao encontrar uma manifestação da população da favela. Ele fala sobre uma "profusão de gente cor de terra" que, ao fazer parte de um protesto, encontra a presença do batalhão de choque:

Um provável líder comunitário ordena pelo megafone a recuada dos manifestantes, que

começam a se dispersar na avenida. É tarde, porém, porque a tropa já lança mão de bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta, tiros de balas de borracha e golpes de cassetete no combate corpo a corpo. [...] chegamos ao Sheraton, um hotel de luxo onde a polícia só entra se for à cata de favelados (Buarque, 2019, p. 118-119).

Para a "gente cor de terra e favelada", gás lacrimogênio, bala de borracha e golpes de cassetete. Para a elite, desfrute de cocaína como terapia e serenidade em um hotel luxuoso, onde a polícia não ousaria adentrar. A formação nacional marcou a sociedade brasileira em um grau tão gigantesco que seus traços ainda não foram extintos, mas apenas, junto à dissimulação das instituições governamentais, mudaram suas roupagens. A aplicação de tentativas solucionadoras desse problema estrutural se torna mais difícil quando o debate é minimizado.

Palavras finais

A ironia que encena a escrita de Chico, especificamente nas passagens que retratam os crimes, o uso de drogas e os dramas sociais da elite brasileira, rompe com as relações de relativização das ações dessa classe e revela um mundo às avessas da oficialidade, da moral cristã e dos bons costumes da burguesia. Chico consegue elaborar narrativas do cotidiano, mas que, através das alegorias e dos pequenos relatos, tiram o véu do automático e revelam as violências da história da sociedade brasileira.

A história da cidade, das grandes metrópoles, envolve a noção de ordem, de progresso e de organização espacial; essa ideia não se concretiza em muitas realidades, assim como na brasileira. Observar a história do Brasil é notar a história de um Estado, uma forma de governabilidade, que nunca deu conta da diversidade de sua população, que nunca se deu conta realmente da noção de democracia e que não conseguiu ainda sanar os problemas estruturais oriundos do momento de colonização e de escravidão. Esse duplo trauma (colonização e escravidão), como aponta a professora Eneida Leal Cunha (2006), é ficcionalizado dentro da narrativa alegórica que

mostra o Rio de Janeiro partido em oficialidade e não oficialidade, mostrando como a sociedade que não desfruta de privilégios – desde o tempo de barões do Império – sobrevive nas ruínas de uma cidade que não se realizou e violenta muitas comunidades em nome de um progresso.

Referências

- ANTÔNIO, João. *Malhação do judas carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Prefácio de Hélio Guimarães; notas de Marta de Sena e Marcelo Diego. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2014.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução de Sérgio Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas 1).
- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BISCOITO Fino. *Chico e as cidades*. Direção: José Henrique Fonseca. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0MJmClQojjw>. Acesso em: 25 abr. 2021.
- BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 20. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1998. (Coleção Memória e Sociedade).
- COSTA, Márcia Regina da. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 3-12, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a01.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.
- CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DEALTRY, Giovanna. Cidades em ruínas: a história a contrapelo em Inferno Provisório, de Luiz Ruffato. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 34, p. 209-221, 3 jan. 2011.

FARIA, Alexandre. *Literatura de subtração*: a experiência urbana na ficção contemporânea. Apresentação de Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 1999.

GERMANO, Idilva Maria Pires; LIMA, Daniel Mattos de Araújo. Nomadismo e solidão na cidade veloz: alegorias da compressão espaço-tempo na ficção de Caio Fernando Abreu. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 16., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2007.

GERMANO, Idilva Maria Pires. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200011&lng-pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2024.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade moderna e suas derivas pós-modernas. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, n. 4, 2000. Disponível em: <http://www.let.pucrio.br/catedra/revista/4Sem-03.html>. Acesso em: 5 maio 2024.

GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, n. 1, 1997. Disponível em: http://www.let.pucrio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/1Sem_12.html. Acesso em: 5 abr. 2024.

GOMES, Renato Cordeiro. Detetive de subtrações nos percursos urbanos da literatura. In: FARIA, Alexandre. *Literatura de subtração*: a experiência urbana na ficção contemporânea. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*: literatura e experiência urbana. Prefácio de Eneida Maria de Souza. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GURGEL PIRES, Eloiza. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 813-828, 2014. ISSN: 1517-9702. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29831833015>. Acesso em: 8 abr. 2024.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria*: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Atual, 1986.

HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar et al. (org.). *Uma cidade em camadas*: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato. São Paulo: Horizonte, 2007.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. Nos diagramas do texto, sombras da violência no "Verão" de Porto Alegre. *Navegações*, v. 8, n. 2, p. 98-107, 4 mar. 2016.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. Realidade e fantasia em itinerâncias tempo-espaciais: uma leitura bachelardiana em Aníbal Machado. In: SEMANA DE LETRAS E ARTES, 7., 1996, Viçosa. *Anais...* Tradição e modernidade na era da globalização. Viçosa: UFV, 1996. p. 27-34.

MARICATO, Erminia; ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos. *A cidade do pensamento único*. Desmanchando consensos. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (Coleção Zero à Esquerda).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Francia, n. 6, 28 jan. 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 22 set. 2019.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. (org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 236-259.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

FONSECA, Rubem. O cobrador. *Vermelho: a esquerda bem informada*, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2015/09/25/rubem-fonseca-o-cobrador/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

Juliana Oliveira Silva

Mestra em Estudo de Linguagens (Leitura, literatura e cultura) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (Uneb – Campus I). Foi professora substituta (2023) no curso de Letras da Universidade Federal da Bahia e está fazendo o processo de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL – Campus I).

Endereço para correspondência

JULIANA OLIVEIRA SILVA

Rua da Alegria, n. 29, 40365680

Salvador, Bahia, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.

